

Para Bird, ecologia não condiciona empréstimo

ALDO RENATO SOARES

BRASÍLIA — O Banco Mundial (Bird) deverá liberar até julho do ano que vem a segunda parcela do empréstimo ao setor elétrico, de US\$ 500 milhões. As dificuldades de negociação estão sendo superadas pela missão do banco que está mantendo contatos com o governo, desde segunda-feira. De julho de 1986 até agora, o Banco Mundial gastou US\$ 1 milhão em passagens aéreas e estadia para seus técnicos virem ao Brasil.

Em dezembro, a direção do banco começaria a liberar o empréstimo, mas o processo foi interrompido com a extinção da Nuclebrás, em agosto. A subordinação das usinas nucleares à Eletrobrás barrou a aprovação do empréstimo porque o Banco Mundial não financia projetos ligados à energia nuclear. "Jogaram uma casca de banana dentro do programa (Programa de Recuperação do Setor Elétrico)", disse um assessor do Bird, referindo-se à transferência das centrais nucleares à Eletrobrás.

Nos contatos que a missão teve, esta semana, com o minis-

tro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, e o titular da Secretaria de Planejamento da Presidência da República (Seplan), Ricardo Santiago, ficou implícito que os recursos têm sido aplicados em projetos hidrelétricos.

A primeira parcela, de US\$ 500 milhões, foi liberada pelo Bird em seis meses, em 1986, e financiou a importação de equipamentos. Contestando assessores do governo, os técnicos do Bird negaram que um recente empréstimo da instituição à Argentina esteja sendo aplicado no programa nuclear, e, sim, na hidrelétrica de Yaciretá. Um dos motivos para o Banco Mundial não financiar projetos nucleares é o custo: a construção de Angra III, de acordo com essas fontes, precisaria de investimento de US\$ 2,5 bilhões — muito superior ao de uma hidrelétrica.

ECOLOGIA E ÍNDIOS

Os técnicos do Banco Mundial negam também o condicionamento do empréstimo à participação da Secretaria do Meio Ambiente (Sema), da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF)

nos projetos de construção de hidrelétricas no Norte. O que o banco exigiu da Eletrobrás segundo eles, foi a contratação de especialistas em meio ambiente e questões indígenas para evitar problemas futuros.

O atraso não foi provocado pela falta de um acordo de não-proliferação de armas nucleares, como chegou a ser especulado. Desde que começou a negociação da segunda parcela, muita coisa mudou na economia brasileira e uma das principais razões do recuo do Banco Mundial foi a política de contenção e congelamento das tarifas de energia elétrica. Os empréstimos para o setor elétrico em andamento no banco representam muito pouco diante das necessidades de investimento.

Ontem, os representantes do Bird chefiados pelo hindu Armeaní Shoksi, diretor do departamento do Brasil no banco, almoçaram com o presidente do Banco Central, Elmo Camões, e foram recebidos, no Palácio do Planalto, pelo subchefe do Gabinete Civil da Presidência da República, Maurício Vasconcelos.